

## LUGAR DA NATUREZA E A NATUREZA DO LUGAR EM OBRAS DE CARMO BERNARDES

Diva Aparecida Machado Olanda. Profa. de Geografia da Rede Municipal de Educação de Goiânia – GO - Brasil. divaolanda@gmail.com

Elson Rodrigues Olanda. Prof. De Geografia no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação—Universidade Federal de Goiás. Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista-Campus de Presidente Prudente-SP. elson.olanda@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho propõe perscrutar as representações de lugar e de natureza em obras literárias do escritor Carmo Bernardes, por meio da perspectiva cultural na Geografia. Aqui *representação* é entendida como conhecimento e comunicação. A literatura concebida como representação da realidade e, conseqüentemente do espaço geográfico e da condição humana. O procedimento investigativo adotado foi a interpretação e a apreensão dos sentidos de lugar e de natureza em obras carmobernardianas. Constata-se que a literatura pode contribuir significativamente, enriquecer e possibilitar novos olhares para a investigação geográfica contemporânea.

**Palavras-chave:** Lugar. Natureza. Representação. Literatura. Estado de Goiás

### Introdução

Empenha-se, neste estudo, em revelar o lugar e a natureza, perscrutando-se as suas representações obras de Carmo Bernardes, um **escritor nascido em Minas Gerais-Brasil** que viveu no Estado de Goiás. O autor foi um curioso investigador do homem e do ambiente do Cerrado. Sua produção literária aborda preferencialmente, a vida, os fatos do cotidiano, o mundo rural e o universo urbano.

O procedimento adotado foi a análise interpretativa das representações de **Lugar** e de **Natureza** em obras do autor apreendendo-se o “sentido-significado” revelados e identificados na literatura carmobernardiana, visto que, essas representações revelam os significados e os valores atribuídos ao lugar e à natureza pelo literato por moradores no Estado de Goiás.

Numa perspectiva transdisciplinar trabalha-se com o conceito lugar e natureza na perspectiva cultural na Geografia, o entendimento de representação e memória, na psicologia social e a teoria literária proporcionou a compreensão da criação fictícia e sua relação com a **realidade**.

Representação aqui é entendida como comunicação e conhecimento. A literatura é vista como uma representação da realidade tendo por base o caráter mimético presente na mesma. A mímese é o princípio de que a criação literária é oriunda do contexto da vida humana, segundo algumas abordagens literárias e, por conseguinte, há uma presentificação do espaço geográfico na criação literária. Trata-se da noção espacial e esta é inerente ao acontecer real ou ficcional da experiência humana. Dessa maneira, o substrato espacial se configura na literatura por meio de uma noção geográfica, espacial. É essa noção espacial na ficção literária e a configuração da condição humana que impelem essa investigação geográfica dentro de uma obra literária.

Vislumbra-se nesse estudo, aclarar como se efetiva a relação do homem com o espaço **social e natural**, perscrutar os sentimentos e os processos identitários decorrentes da percepção e da experiência do literato em quadro. Mediante a característica social presente na obra literária, há um desdobramento que pode desvelar a relação do goiano com o espaço e com a natureza.

O processo investigativo foi fundamentado por três aspectos que envolvem o conceito lugar na abordagem cultural na geografia: a orientação subjetiva atribuída pela vida em um lugar; a identidade produzida por um lugar e a dimensão de interação social cotidiana. Eles formam a totalidade do conceito lugar e estão profundamente imbricados sendo difícil separá-los. Entretanto, na tentativa de um entendimento observou-se o aspecto subjetivo, oriundo da ligação afetiva com o lugar, a *topofilia* que diz respeito aos sentimentos que o ser humano nutre pelo lugar em que vive.

A identidade, calcada na cultura, na experiência e nos caracteres referenciais e diferenciais do lugar; por isso mesmo, este produz um jeito de ver e de viver peculiar num processo de diferenciação de homens e de lugares, ou uma identidade **telúrica**. Outro aspecto presente é o da cotidianidade no tocante à tessitura diária da vida, que ocorre e decorre no lugar.

O *espaço vivido*, denominado lugar, traz a essência da noção de casa e lar, ou seja, do aconchego. Mediante as experiências nele e dele, este apresenta-se repleto de valores e significados **da relação homem/natureza**.

O estudo do lugar e de natureza pode informar relações de topofilia, resgatar a memória, manifestar sentimentos identitários e revelar a consciência espacial, individual ou coletiva de determinada sociedade, no presente caso, da sociedade goiana.

O presente texto, além da introdução, foi dividido em quatro tópicos denominados de considerações teóricas iniciais; o lugar da natureza em obras de Carmo Bernardes; a natureza do lugar; e, as considerações finais.

Nas considerações teóricas iniciais, procura-se estabelecer alguns pressupostos teóricos considerados relevantes para a realização do trabalho. Em seguida faz-se uma leitura do lugar da natureza em obras de Bernardes, a partir de uma reflexão pautada pelos conceitos de *natureza externalizada* e de *natureza internalizada*. A natureza do lugar é constituída pela leitura e apreensão dos sentidos de lugares presentes em obras de Bernardes. Para concluir o trabalho e continuar aberta a reflexão, apresenta-se as considerações finais.

### **Considerações teóricas iniciais.**

A ciência geográfica hoje, procura novas alternativas para a apreensão do espaço geográfico. Essa ocorre de forma diversificada e diferenciada segundo o enfoque dado. A abordagem cultural na Geografia lança novas perspectivas no estudo do espaço. Uma dessas perspectivas é a compreensão da realidade a partir da influência da cultura na produção do espaço assim como, o sentido da relação do homem com esse espaço. Desse modo, credita-se à Literatura, que coexiste como modalidade da arte e como constituinte da cultura, a possibilidade dela intermediar a compreensão da relação do homem com o meio por ele produzido e valorado.

Os estudos de obras literárias sob perspectivas geográficas não são recentes. Entre os geógrafos franceses, desde os anos de 1940, já emergiam idéias de resgatar aspectos

geográficos em romances, contos, poesia e crônicas. Reconhece-se atualmente, a literatura como documento social, como esclarece Claval:

o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970. (CLAVAL, 1999, p. 55).

Claval parte do princípio revelador e significativo existente no romance para concebê-lo como documento social, visto que, apresenta e (re) apresenta a condição humana. Por sua vez, segundo, um ramo na teoria literária, a criação literária embebe das realidades humanas, é a denominada mímese, Sob essa perspectiva, reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de dado lugar.

Gomes (1996) ressalta a acepção da arte na Geografia Cultural “como o elemento de mediação entre a vida e o universo das representações” (1996, p.314). Tissier (1991) vai além e diz “a literatura é uma geografia muito humana. [...] o texto se refere a um lugar preciso; temático, ele se liga à paisagem, ao conteúdo humano ou social; epistemologicamente o leitor atualiza o sentido dos lugares, as representações”<sup>1</sup> (TISSIER, 1991, p.237). Esse autor comenta que o reencontro da Literatura com a Geografia está nas leituras de obras literárias feitas pelos geógrafos. Tissier reconhece como pano de fundo da arte, o lugar, o conteúdo humano, o cotidiano e as representações, e ele ressalta que o lugar e as experiências humanas se manifestam particularmente na Literatura. Essa idéia é explícita assim:

A abordagem considera o estudo dos lugares como sítios de experiência humana, individual ou coletiva, experiência que se traduz por valores particulares. Eles, manifestando-se nas obras de arte, em particular na literatura. A literatura é o grande depositário das relações estabelecidas entre o homem e a terra. A obra faz do objeto uma leitura existencial que se liga aos enunciados que exprime qualidade, a variedade, a generalidade dos sentimentos, das representações, das imagens que se elaboram entre o homem e o mundo<sup>2</sup>. (TISSIER, 1991, p. 237).

Dessa maneira e, conforme Tissier parece ocorrer um entrelaçamento entre a Geografia e a Literatura no que tange ao desvelamento do homem em sua totalidade e sua relação com o meio de sua existência. Nesse contexto, pela leitura e pela interpretação de obras literárias é possível investigar e conhecer o mundo dos Homens, e, por conseguinte, a sua relação com o espaço.

A Geografia Cultural prioriza o sujeito sobre o objeto, ou seja, valoriza o sujeito, a subjetividade e a experiência, alicerçada na visão de Homem como ser em construção. Dada essa prioridade, a Geografia Cultural construiu seu arcabouço teórico-metodológico a partir da concepção de pesquisa como o captar do significado dos fenômenos e na visão de ciência e de investigação como o empenho de compreender os fenômenos em suas diferentes manifestações. De outra forma, a idéia básica é trabalhar o mundo ou os mundos por meio da pluralidade de expressões sejam estas vividas ou interpretadas. Ao buscar apreender a **lugar da natureza e a natureza do lugar em obras literárias**, propõe-se identificar a percepção e a experiência do homem acerca dos conceitos Lugar e Natureza. Esclarece-se que os conceitos em quadro estão repletos de

abstrações e percepções, pois, imagem-significação, imagem-idéia estão imbricados nos mesmos. Conforme Moscovici (2003) enfatiza:

A própria linguagem, quando ela carrega representações, localiza-se a meio caminho entre o que é chamado de a linguagem da observação e a linguagem da lógica; a primeira, expressando puros fatos - e a segunda, expressando símbolos abstratos. (MOSCOVICI, 2003, p. 46)

Após examinar o entendimento das representações sociais, explicitar a aproximação entre a Geografia e a Literatura e esclarecer a abordagem cultural na Geografia, empenha-se nesse momento, desvelar os sentidos de natureza e de lugar e ao mesmo tempo compenetrar nas relações sócioespaciais de goianos simbolizados nas obras estudadas.

### **O lugar da natureza em obras de Carmo Bernardes**

As obras de Carmo Bernardes são repletas de conteúdo que expressam sua visão de natureza, nesse sentido pode-se afirmar que seus trabalhos apresentam um engajamento, e uma militância do escritor em defesa da vida humana e dos demais seres vivos. Com esse *engajamento militante*, Bernardes se posicionou claramente diante das mazelas e misérias humanas. Seus trabalhos podem ser interpretados como constituídos de sentidos em prol do conjunto da humanidade, na contramão da apropriação e uso dos recursos materiais e imateriais por poucos em detrimento da maioria dos seres humanos.

Com uma extensa obra publicada em mais de uma dezena de livros de contos e romances, a natureza faz-se presente, sem meios termos, nos universos *urbano* e *rural*. Com esse esclarecimento inicial, far-se-á uma interpretação do lugar da natureza em parte de sua obra. Todavia, como a reflexão será pautada a partir do lugar da natureza, inicialmente deve-se tornar claro qual é a concepção de natureza e da relação homem e natureza.

Entende-se há duas concepções amplas de natureza, ou seja, uma natureza *externalizada*, sem seres humanos e uma natureza *internalizada* em que os seres humanos são partes integrantes. A partir destas concepções há uma variada gama de ramificações que culminam em análises, interpretações, posicionamentos variados e divergentes.

Neste trabalho, serão apresentadas sumariamente, apenas as duas concepções amplas de natureza e, a partir delas, uma leitura panorâmica do lugar da natureza em obras carmobernadianas.

Na natureza externalizada, não há lugar para o ser humano, ou seja, ele é ausente, pode dominar e controlar a natureza de acordo com seus interesses imediatos e imediatistas. O homem pode ser o senhor absoluto dos outros seres vivos, dos minerais e de tudo que possa ser apropriado para seu uso e abuso, visto que ele não pertence à natureza, ou seja, é um ser a parte, dominador e controlador de tudo. Essa concepção de natureza foi sintetizada por Casseti (2002, p. 146), grifos nossos:

O conceito de natureza **externalizada** tem origem na concepção mitológica da 'natureza hostil', criada em função da submissão do homem aos mistérios incompreensíveis da vida no estado mais primitivo. A busca de superação dos obstáculos impostos pela natureza é a prova de que o homem **rompeu com o resto da criação**, levando-o ao desejo de **controlar o mundo, razão da idéia de natureza dominada**.

Em suma, a partir do conceito de natureza externalizada, o homem, o *ser supremo* na Terra pode tudo, dominar e, conseqüentemente controlar os outros seres e tudo que lhe for conveniente ao seu uso e poder, visto que, ele é um ser fora da natureza. Dessa forma há uma diferença fundamental da concepção a partir da qual o ser humano é parte integrante, ou seja, a natureza é internalizada. Nesse sentido, segundo Casseti (2002, p. 157), grifos nossos: “Entender o homem como natureza, representa a superação do conceito de natureza como objeto universal do trabalho, passando a se caracterizar **como sujeito e objeto** ao mesmo tempo”. Nos trabalhos de Bernardes pode ser encontrada essa concepção de natureza, na qual o ser humano é sujeito e objeto, ou seja, não é um ser constituído a parte, isolado, ou seja, o ser humano é intrínseco à natureza.

Nas obras de Bernardes, seu povo e seus lugares estão presentes de modo vivo e dinâmico. O *lugar privilegiado* é Estado de Goiás, especialmente uma região denominada *Mato Grosso de Goiás*, onde o autor passou a maior de sua vida. Bernardes escreveu sobre esses lugares, com a simplicidade e a profundidade de um *Sertanejo* ou de *Citadino*, Mestre nos conhecimentos de sua terra e sua gente. Em suma, ele foi do lugar e o lugar era dele. Para conhecer um lugar em suas profundezas é necessário conhecer a natureza. Como já será demonstrado com mais detalhes na segunda parte deste trabalho, Bernardes era um exímio conhecedor dos lugares, os quais descrevia com suas luzes, seus sons, seus odores, suas cores e sabores. Nesse sentido, seus trabalhos vão ao encontro das elaborações de Massey (2008, p. 98) quando afirma que: ‘A natureza’ e a paisagem natural’ são fundamentos clássicos para o reconhecimento do lugar”.

Explicitadas as concepções de natureza por meio dos conceitos de *natureza externalizada* e de *natureza internalizada* e com a clareza de que a natureza é um fundamento clássico para o reconhecimento do lugar, em seguida far-se-á uma leitura parcial, portanto incompleta do lugar da natureza em obras carmobernadianas.

Nos títulos de um conjunto de três livros considerados como autobiográficos, Bernardes, demonstra o seu universalismo natural internalizado, a escolha dos títulos de acordo com as fases da Lua demonstra uma grande sensibilidade com o os usos e costumes dos agricultores do *Mato de Goiás*. Os moradores dessa região tinham um profundo respeito com relação às fases do Satélite da Terra, para diversos procedimentos da vida cotidiana; tais como extrair a madeira, podar as plantas, fazer o plantio e colheita de alimentos, castrar animais, cortar o cabelo etc. Nesse sentido, a partir dos títulos *Força da Nova* (1981), *Quarto crescente* (1986) e *Quadra da cheia* (1995); o autor demonstra um profundo conhecimento da vida de homens, animais e plantas, nestes três livros de contos “*iluminados pela Lua*”.

Como já foi referido anteriormente, a obra de Bernardes é bastante extensa, neste trabalho, devido os seus limites, será demonstrado, somente algumas leituras sobre a natureza, em três livros de contos: *Quarto crescente* (1986); *Quadra da cheia* (1995) e *A ressurreição de um caçador de gatos* (1997).

Em *Quarto Crescente*, o conhecimento, a sabedoria pessoal e de seu povo são descritos como intrínsecos à natureza e historicamente herdados:

A sabedoria do meu povo, a que eu tenho, de herança, é a sabedoria da raça humana, experiência que ninguém sabe quantos anos faz que começou, e que está sempre em obediência às leis da natureza. Essa, daí, vejo que dá certo e acerta em tudo por tudo. (BERNARDES, 1986, p.113).

A estratificação da sociedade em classes sociais; o isolamento de pessoas; a simplicidade do povo; a vida descomplicada; a importância da formação, da informação e o posicionamento direto, firme e intransigente perante aos problemas “locais” como o desmatamento e “mundiais” como as guerras; também podem ser encontrados em Quarto Crescente:

A vida levada pelos indivíduos da minha camada social, só pode ser muito singela, assim como os feitos desses caipirinhas da minha igualha são banais e medíocres. Estas recordações só servem é para tornar o bicho caipira um animal mais conhecido, e mostrar o quanto nossa vida na roça, pelo menos naqueles tempos, era simples, descomplicada, e como decorria serena e ausente de tudo o que acontecia pelo mundo. Se minha mãe e meu avô não fossem pessoas interessadas e procurassem se informar, nunca eu poderia saber que, quando nasci, uma parte da humanidade sangrava no morticínio da primeira grande guerra e, quando eu namorava as mocinhas, o país se afundava na escuridão de uma ditadura truculenta, e que os matos que os mineiros botavam no chão com seus machados fazedores de desertos viessem a fazer tanta falta. (BERNARDES, 1986, p.164).

O sedentarismo urbano, e os problemas de saúde advindos deste modo de vida são descritos em Quadra da Cheia:

Musculatura de sobra, saúde e corpulência para dar e vender em muitos de nós que deveríamos estar no rabo de um arado, no volante de uma jamanta ou até fazendo curral de toras aí pelas roças, são um desperdício que não tem tamanho. Uma caneta na mão de um cidadão assim, fisicamente bem dotado, é o mesmo que uma agulha de tricô na tromba de um elefante. E faz até mal, ofende a saúde, ajunta açúcar e gordura no sangue, o indivíduo vira um tribufuzã de papada, aguaxado e balofo, sofrendo secura na boca e afogando na brocha como um boi carreiro na canga, quando o tempo é de brota. (BERNARDES, 1995, p. 172)

Na dedicatória do livro *A ressurreição de um caçador de gatos* (1997), Bernardes demonstra seu carinho, amor e sensibilidade aos animais e as pessoas, e destaca o sacrifício de humanos e não-humanos para a construção do “mundo moderno”: “Este livro é para expressar meus sentimentos de pesar pelo sacrifício daqueles seres viventes – bichos e gente -, que deram a vida em pagamento de parte dos custos e erros do progresso do mundo.” Na mesma obra, referindo-se a natureza, a autor descreve a singularidade dos sons de animais de determinado lugar, no decorrer de um dia:

Nestas brenhas a natureza canta, geme e suspira, faz tristeza e alegria, conforme é a disposição da gente. O povo do lugar não percebe, é calejado. Só os chegantes dão fé, enxergam que aqui tudo é estúrdio, é diferente de outros cantos. Na volta do dia sempre é mais calado. Só o queixume da rola-fogo-pagô é ouvido de mistura com chiata de tudo quanto é inseto. É bem nessas horas, quando tudo é quente e claro, que os bichinhos acham de comer o mel das flores do mato baixo. Quando o sol pende, assim na hora de janta até a noite alta, é deveras custoso agüentar o que o mundo faz. Tem uns nhambus aí na saroba (...) é orquestra cerrada a tarde inteira. Acolá na aba da montanha, parece que reúne tudo quanto é jaó destes bosques, cantam de fazer alucinar. (...) No turvar da noite, então, é que a alegria da bicharada aumenta e a tristeza da gente dobra. Abelha, cigarra, bicho de pena a zoar, cantar e piar tudo de

mistura, e ainda o vento encanado na vertente, sobiando nas grimpas do mato alto. Ah... se a gente, que é chegante, não fizer coração duro, endoidece e arriba. (BERNARDES, 1997, p.103)

A ressurreição de um caçador de gatos talvez seja a obra mais divulgada de Bernardes, visto que recebeu em 1991, em Cuba, o prêmio Casa de las Américas e publicado no mesmo país sob o título *La resurrección de um cazador de gatos* ( La Habana, Cuba: Ediciones Casa de las Américas, 1992).

Para concluir esta parte selecionamos uma crítica de Bernardes -- o geógrafo autodidata do sertão goiano--, crítica de maneira contundente o modo de utilizar a tecnologia, o conceito e a prática de natureza externalizada, que legitima determinados tipos de ocupação e exploração de terras em áreas tropicais, grifos nossos:

O conceito mecanicista de concepção do mundo e ao ver, dos estudiosos, o grande mal que vêm incorrendo os planejadores da política moderna de ocupação e exploração de terras. Não levam em conta as condições particularíssimas das regiões. Numa atitude arrogante de que o homem, com sua ciência pode dominar a Natureza, os planejadores modernos, nos seus gabinetes, com seus laboratórios, vem produzindo formidáveis catástrofes. Jogam com uma tecnologia de pacotes, transplantam métodos e práticas aplicadas nas regiões temperadas para os ecossistemas de clima quente e úmido, **como se a Natureza fosse algo morto, insensível a agressões**, quando já está exaustivamente provado na prática e cientificamente que na Terra, tudo está em movimento, divididos em ecossistemas interativos, cada parte desses 'departamentos' com sua vocação própria que, agredidos e contrariados, respondem, mais cedo ou mais tarde, com uma reação sempre violenta e catastrófica. (BERNARDES, 1996, p. 157)

Nesta parte, procurou-se demonstrar o lugar da natureza nos trabalhos literários/geográficos de Bernardes. Tem-se a clareza de uma rica produção geográfica não acadêmica, todavia constituída de elementos fundamentais para o entendimento geográfico pretérito e presente do Estado de Goiás.

Para beber nos ensinamentos de Bernardes, pode-se destacar que há uma natureza, viva, dinâmica, sensível que emite sons em vários tons. Compreender estes significados senti-los, experienciá-los no ritmo da orquestra da vida pode ser um decisão individual e/ou coletiva.

A seguir demonstrar-se-á os sentidos de lugar, identificados e apreendidos em parte da obra desse Mestre conhecedor do seu lugar e de sua gente.

### **A natureza do lugar em obras carmobernardianas**

*Os lugares não tem somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido por aqueles que os habitam ou que os freqüentam* (Claval,1999, p.55)

O termo natureza do nosso subtítulo refere-se aos significados imputados ao espaço, ou seja, os sentidos dados ao espaço recortado afetivamente pelo homem, por meio da experiência, o denominado lugar.

A abordagem cultural na Geografia empenha em compreender a relação do homem com o meio através de aspectos materiais e imateriais. Estes são concebidos como significante e parte integrante da espacialidade humana. Para uma investigação no seio

dessa abordagem o conceito lugar é caro e fundamental. Cosgrove (2003) elucida que a cultura é a centralidade para a geografia humanística, da qual embebe a abordagem cultural na geografia e aponta a compreensão do mundo vivido dos grupos humanos como o grande objetivo para mesma.

Ao discutir acerca dos conceitos primordiais da Geografia Humanística, Mello (1990) insiste na importância do lugar e aponta complementando sobre o sentimento de pertencimento oriundo da experiência espacial e, por conseguinte, gerador da identidade do indivíduo. O homem ao atribuir valor e significado à porção espacial do seu cotidiano, transforma o espaço em lugar. Nessa direção, Mello (1990) comenta o papel de centralidade exercida pelo lugar, devido ao fato deste encarnar a experiência, as aspirações e sentimentos da pessoa. O mesmo autor assim explicita:

Os pertences, parentes, amigos e a base territorial experienciada fazem parte do acervo íntimo do indivíduo. Pausa, movimento e morada conferem ao mundo vivido a distinção de lugar. As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformam os espaços em lugares, carregam em si experiência, logo, poesia, emoção, sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os seus, tem uma conotação de pertinência. (MELLO, 1990, p. 102)

As elaborações de Mello (1990) destacam a importância do lugar e amplia a discussão apontando o sentimento de pertencimento oriundo da experiência espacial e, por conseguinte, da identidade do indivíduo. Portanto, na totalidade, o lugar, ou o mundo vivido, carrega em si uma tridimensionalidade: subjetividade-topofilia, cotidianidade-o acontecer diário, identidade-modo de ser e de viver/memória de uma comunidade e/ou de um povo.

Compreendido “natureza” como-- os significados que o lugar pode ter-- doravante empenha-se em apreendê-los nas obras carmobernardianas e, por fim, conjecturar a percepção e a experiência espacial dos goianos.

A vasta obra de Bernardes está repleta de lugares ora revelando o cotidiano, ora a identidade e memória ou ainda, a topofilia de homens e mulheres que ganham vida na ficção, mas brotam da realidade, sobretudo, goiana. Deparamos em *Memórias do Vento*, *Areia Branca*, *Ressurreição de um caçador de gatos* e *Quadra da cheia* trechos reveladores de lugares: ruas, a cidade de Goiânia, o espaço rural em Goiás, no Brasil com seus ícones e seus diversos significados.

Cotidianamente acontecem as relações entre as pessoas e entre estas e os espaços. Esse processo faz as pessoas atribuírem valor e significados aos lugares. Cosgrove (1999) salienta que a memória das relações sociais são importantes na constituição da identidade e do lugar. A rua é no romance *Memórias do Vento* espaço revelador de sentidos dessas relações. O escritor assim o demonstra:

Os que passam na rua aqui de casa conheço-os todos de vista e de dar bom-dia-boa-tarde [...] O relógio bateu seis horas entalei a cara no vão dos ferros do portãozinho, num instante distrai-me das obrigações, fiquei prestando atenção nos tipos que passava de forma que os indivíduos que passam são todos meus conhecidos. (BERNARDES, 1979, p.41, 38)

Desvela-se da rua outro significado, o do cotidiano, seja nas atividades, no hábito ou nos encontros diários na comunidade:



Ainda estava meio lusco-fusco, na hora que as galinhas descem dos poleiros, e o trânsito na minha rua já começava. Larguei os papéis na escrivaninha, ainda nem tinha passado a escova nos cabelos fui pro portão ver desfilarem as mães que trabalham levando os pequenos para deixar na creche. O primeiro conhecido que veio passando foi o Inocêncio. Ia com o embrulho de pão debaixo do braço, me viu com a cara entalada na grade do portão e deu prosa. (BERNARDES, 1979, p. 91)

Outro sentido, o da convivência, do sentimento de amizade e intimidade existente entre as pessoas da vizinhança, pois grupos da cidade procuram resguardar seus espaços de convivência, territorializando seus valores e seus signos, são apontados pelo escritor.

A senhora ainda ferra a mutuca ou já amarrou o facão?-- Para vir me dizer asneiras carece me chamar de senhora? Pode me chamar de cadela mesmo, e daí? E o respeito pelas senhoras pra onde vai? --Tou vendo! E se ri compondo uma imensa doçura no semblante alegre, e a alma a abri-lhe todas as portas da bondade. Parecia que seus olhos miúdos e da boca cavada no rosto sapiroquento derretia e escorria todo mel da fraternidade espontânea e gratuita. (BERNARDES, 1979, p. 10)

Bernardes, ao observar as pessoas que passavam na porta da sua casa para a ir ao trabalho, percebe uma influência dos usos e costumes rurais trazidos pelos moradores para a capital goiana. A percepção é profunda, dotada de grande sensibilidade e conhecimento da vida cotidiana das pessoas:

Usos e costumes da roça são conservados, e quando fico no terreiro, de manhã, entretido em ver o povo passar pro serviço, reparo essas coisas. A nossa convivência é em grupos separados como é o sistema do gado criado solto no campo, cada manadilha tem seu logradouro habitual, e só misturam tocados para o curral. Gente na roça é assim, tem seus companheiros certos, formam vizinhanças, que os sociólogos chama de comunidade. Não se dão mal com os outros, mas cada vizinhança tem um sistema de conviver, de acordo com a atividade que toca. (BERNARDES, 1979, p. 41)

No processo de construção da identidade o tempo, o espaço, os antepassados, a história familiar ou grupal, as condições naturais são importantes elementos para a tessitura e diferenciação dos grupos humanos. As palavras do escritor revelam uma forma de ver o mundo muitas vezes sentida e encarnada com convicção e orgulho da própria identidade:

Se tenho a coragem de assumir o caipirismo é porque conheço a arte fabricada de emoções fingidas. É porque trago na massa do sangue o orgulho de minha raça, que até mim todos sustentaram preferindo a briga e a marginalidade aos comodismos das alienações e perda de caráter. (BERNARDES, 1979, p. 90)

A apreciação estética e a beleza dão aspectos da realidade ou sentimento afetivo por lugares que se conhece bem. A descrição a seguir, revela tal experiência do literato em relação a capital goiana:

Depois é que fui pensar e concluí que o sentimento do belo e a alegria de viver estão na disposição dos indivíduos. O mundo é sempre um encanto, e Goiânia é bonita em toda quadra. É só reparar com bons olhos e verá o quanto é linda a cidade, mesmo judiada por esses diabos que tosam as árvores fora do tempo e dizimada por outros capetas que borrifam veneno na arborização, escorraçam os pássaros e acabaram com os pardais do centro da cidade. (BERNARDES, 1979, p. 146)

O ambiente material simultaneamente traz a nossa marca e a dos outros, isto é, manifesta a vida, a cultura e a identidade de um povo. Bernardes em Quadra da cheia salienta o ambiente de uma casa de brasileiro:

Não podemos entender uma casa de brasileiro sem um pilão, o tacho de cobre e o forno de cupim. Havendo escrúpulos de estética, essas coisas podem perfeitamente serem sofisticadas, de forma a fazer parte da decoração da residência sem prejuízo da utilidade de cada uma sem vulgarizar o conjunto. Estes trastes até mesmo a panela de barro, dessas em que se sente a ternura da mão da paneleira, impressos os sinais humanos dos dedos hábeis, poderiam muito bem, e com surpreendentes efeitos de estesia, comporem a decoração e a paisagem de qualquer mansão sofisticada. (BERNARDES, 1995, p. 25)

Em Areia Branca o escritor reflete sobre os ícones da memória e da identidade do brasileiro:

Festas mesmo, das de deixarem raízes tão cedo não apodrecerão na tradição da raça, que fizeram a unidade cultural dos brasileiros e criamos valores morais que caldearam o caráter alegre, chistoso e folgazão do nosso temperamento de inventores de piadas de gozação contra nós mesmos. (BERNARDES, 1975, p. 14-15)

O trecho seguinte desvela a migração interna no Brasil, as precárias condições de vida do trabalhador rural em seu cotidiano no interior do Estado de Goiás:

Neca Militão-chegante vindo de Patos de Minas-, para fazer costume na terra nova, tem de viver de cara baixa no serviço. Só assim, morto e vivo na lida da roça, não vê o tempo passar e agüenta a nostalgia sem arribar de volta. A hora de ir pro serviço e voltar à tarde, o mutucão é quem marca. Mutucão preto chupa doído e só anda no lusco-fusco e no turvar da noite. Militão vai e vem, seca e verde, espantando curiangos no caminho da roça. Cabeça gacha, olhando onde pisa com medo de cobra. No ombro a ferramenta, um feixe de lenha, vasilha que levou a merenda. Regosina é o mesmo viver, a mesma saudade dos ares de Minas. Nas horas tristes ela se distrai chorando, deitando galinha no choco, fiando ou fazendo azeite. O Eslebão é inocente, brinca o que dá o dia. É atrelando besouros, botando rabo em mutucas, e nem com isto se o mundo virase às avessas. (BERNARDES, 1997, p. 104)

## **Considerações finais**

Este trabalho constituiu-se num esforço para a compreensão da importância da representação de lugar e de natureza em obras de Carmo Bernardes. Trabalhou-se com a intenção de contribuir para análise da geografia do Estado de Goiás-Brasil, visto que,

entende-se que os trabalhos literários analisados são permeados por uma riqueza de conteúdos que podem ter um sentido geográfico, e desse modo, contribuir sobremaneira para a compreensão e significado da formação socioespacial de Goiás.

Por tratar-se de uma leitura parcial, portanto incompleta, muitas lacunas ficaram abertas para outras reflexões. Nesse sentido, faz-se necessário apontar que as elaborações de Bernardes são muito mais profundas que o nosso simples estudo consegue alcançar. Para usar um termo presente nos textos do autor, a *porteira* continua aberta para outros trabalhos relacionados com o autor e com a temática.

### Notas.

<sup>1</sup> Traduções livres dos autores. Texto em francês Géographie et Litterature. Tissier(1991), in: Encyclopédie de Géographie. “ La littérature est une géographie très humaine”. [...] le texte est référé à un lieu précis; thématique, il s’attache au paysage, au contenu humain ou social; épistémologique, le lecteur veut mettre à jour le sens des lieux, les representations. ( TISSIER, p. 237).

<sup>2</sup> La démarche met l’accent sur étude dès lieux comme sites de l’expérience humaine, individuelle ou collective, experience qui se traduit par des valeurs particulieres. Celles-ci manifestant dans les oeuvres d’arte, en particulier dans la literature. **La literature** est le grand recueil de ces relations – en tant que discours et tant que rapport- établies entre l’homme et la terre. L’oeuvre fait l’objet d’une lecture existentielle, quis’attache eaux enoncés qui experiment la qualité, la variété.la generalité des sentiments, des representations, des images qui s’elaborent entre l’homme et le monde. (TISSIER, 1991, p. 237).

### Referências bibliográficas

- BERNARDES, C. **Areia branca**. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Memórias do Vento**. São Paulo: Marco Zero,1986.
- \_\_\_\_\_. **Perpetinha: um drama dos babaçuais**. Goiânia: Editora da UFG, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Quadra da cheia: textos de Goiás**. Goiânia: Edição do Autor, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A ressurreição de um caçador de gatos**. Goiânia, Editora da UFG, 1997.
- CASSETI, Valter. A natureza e o espaço geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2002, p. 145-163.
- BOEURNEUF, R.. QUELLET, R. **O universo do romance**. Tradução P. J. C.S. Coimbra, Livraria Almedina: 1976.
- CLAVAL, P. tradução L. F.P. E M.C.A.P. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Ed.da UFSC, 1999.
- COSGROVE, D. ; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R.L. ; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 135-146.
- \_\_\_\_\_. Geografia cultural do milênio. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

COSGROVE, D. Em direção a Uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 103-134.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MASSEY, Doreen B. Rochas migrantes. In: \_\_\_\_\_. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.190-199.

MELLO, J. G. , Geografia Humanística: A perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira de geografia**. Rio de Janeiro, n.52 (54), out./dez, 1990, p.91-115.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais investigações em sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TISSIER, J. Géographie et Litterature. In: BAILLY, A. et al (Sous la direction). **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1991, cap. 13.